

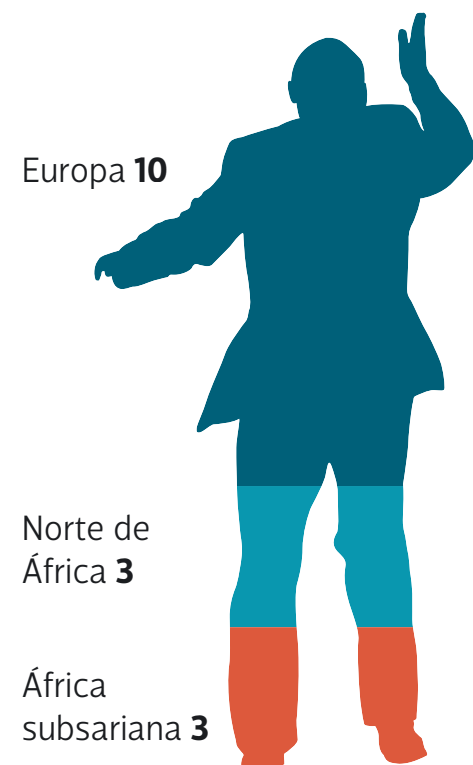
Muito está em jogo neste tipo de eventos cujas imagens são emitidas globalmente; este episódio ilustra isto mesmo. Esta é uma das respostas que Ennes Ferreira e pares fornece no texto abaixo, onde se analisa o profissionalismo dos atletas africanos.

## Desenvolvimento e futebol

Os países com menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) estão a contribuir com mais jogadores para outras ligas. Inversamente, os países com maior capacidade de reter os seus jogadores são aqueles com um índice elevado.

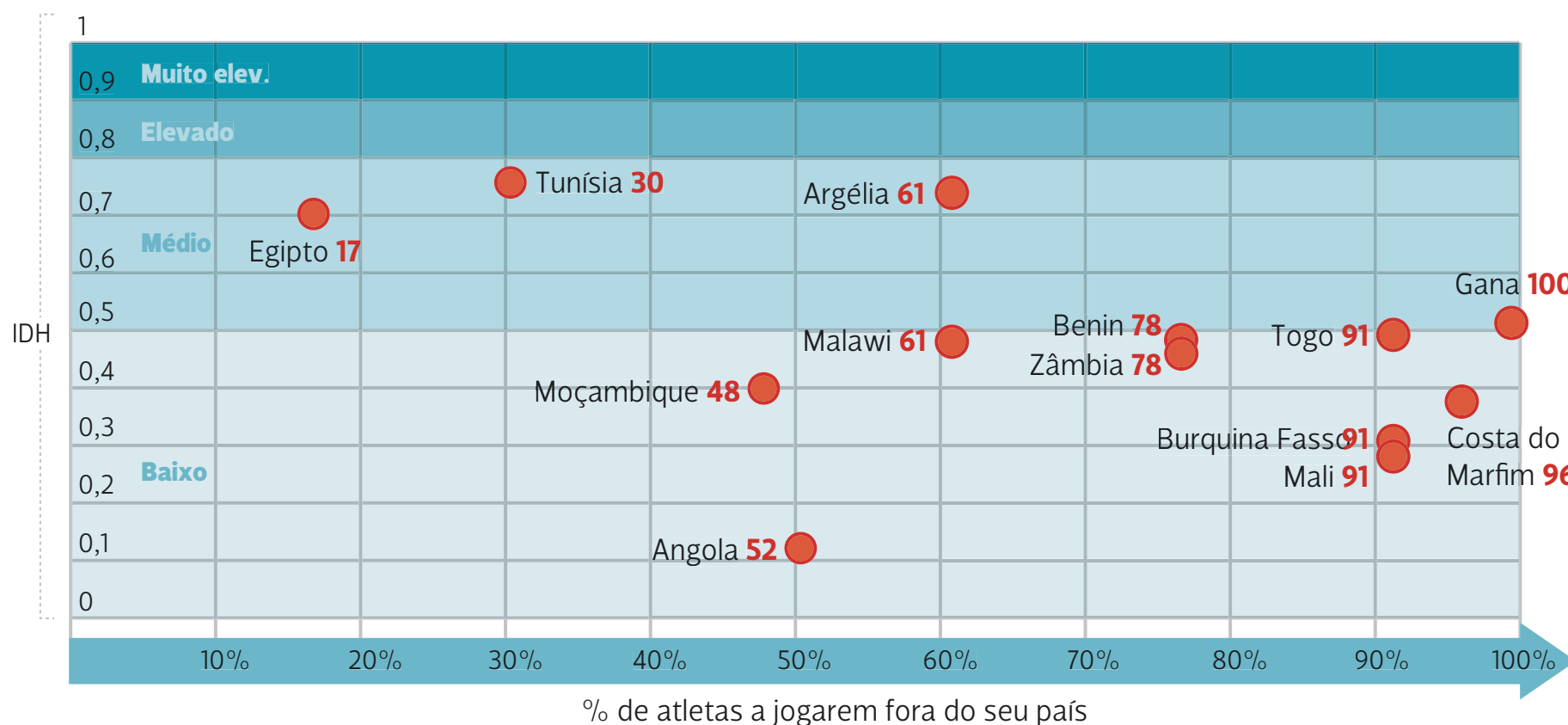
### Os treinadores vêm de fora

Origem dos treinadores de 16 equipas Africanas.



### Como a pobreza interfere no futebol

Comparação do IDH e a percentagem de jogadores que deixam o seu país.



Fonte: **Elaboração própria**

SEMÁRIO ECONÓMICO

# Futebol em África: A globalização é redonda?

Por  
**Jurgen Brauer,  
Manuel Ennes  
Ferreira e Sandro  
Mendonça\***

O futebol é um espectáculo de massas dirigido ao mundo. Actos de violência contra jogadores são tentativas infelizes de querer passar uma mensagem para o mundo. A Taça das Nações Africanas, que iria começar com 16 equipas, começou da pior maneira com o ataque à comitiva do Togo. Muito está em jogo neste tipo de eventos cujas imagens são emitidas globalmente; este episódio ilustra isto mesmo. Mas este acontecimento também ilustra dois padrões mais vastos: a violência (em África) empurra os atletas talentosos para o estrangeiro; o dinheiro (europeu) puxa esses jogadores para junto de si. O que este artigo propõe é um olhar sobre uma faceta mais positiva da 27ª edição da copa africana. Aquando da sua primeira edição o país acolhedor, o Sudão, tinha acabado de ganhar a sua independência, logo seguido do Gana e da Guiné-Conacri. Em 1 Janeiro de 1960 os Camarões alcançam a sua independência, um momento histórico lido por muitos analistas como dando início à vaga gene-

ralizada de independências das nações africanas. O que será que o futebol nos pode dizer sobre este continente cinquenta anos depois?

Analisando para que clubes trabalham os jogadores do torneio conseguimos gerar observações interessantes. Por exemplo, nenhum dos jogadores dos Camarões ou da Nigéria joga nos campeonatos do seu país. Estes países têm, portanto, uma taxa de exportação de 100% do seu talento futebolístico. Dos 23 jogadores camaroneses convocados 7 ganham o seu salário em França, 3 em Inglaterra, 3 na Alemanha, 3 em Espanha, e os outros dispersos pelo resto da Europa. Os nigerianos preferem a Inglaterra, onde jogam 7, os outros distribuem-se por outros campeonatos da Europa, da Rússia, Israel e Ucrânia. Outras nações africanas altamente exportadoras de talento são a Costa do Marfim (22 jogadores), Burkina Fasso (21), Mali (21) e Togo (21).

Do outro lado estão os países com maior capacidade de reter os seus melhores jogadores, como o Egipto (19 de 23 atletas, ou uma

taxa de retenção de 82,6%) e a Tunísia (16 jogadores, ou 69,6%). Estes dados dificilmente serão fruto do acaso. De facto, os dados a que temos acesso revelam uma clara correlação negativa entre o número de jogadores a jogar fora do seu país e o grau de estabilidade e prosperidade do seu país de origem. Isto é, em média países com melhores índices de desenvolvimento deixar escapar um menor número dos seus cidadãos. Também interessante é notar que o Egipto, o país que mais vezes ganhou a Taça, é também o país que mais se mostra capaz de importar talento das outras nações qualificadas para o torneio (6 jogadores, incluindo 1 de Angola). As únicas outras nações africanas que importam jogadores convocados para o CAN2010 são Angola, Moçambique, Nigéria e Tunísia. Por outras palavras, apenas 3% de todos os jogadores das seleções apuradas jogam em outros países africanos que não os seus. Isto contrasta com o facto de que, ao todo, os jogadores destas nações jogam em 38 outros países fora da CAN2010, desde a Arménia à China passando pela Moldávia e pelos Emiratos Árabes Uni-

dos. Assim, a lição que extraímos destes números é que o comércio intra-africanano ainda tem muito por onde progredir no futuro.

Outra análise efectuada foi o cálculo da dispersão externa dos jogadores exportados (países/jogadores). Em média um padrão que parece surgir é que países com melhor desempenho socio-económico revelam uma maior capacidade de conectar o seu talento a redes mais alargadas no futebol internacional. Por exemplo, o país-anfitrião destaca-se neste indicador. Angola exporta 12 das suas palancas negras para 8 países diferentes. Dado o seu nível de internacionalização, Angola exibe uma participação muito diversificada no mercado global de futebol profissional. A Nigéria, em contraste, exporta o dobro dos jogadores que Angola mas não para um maior número de campeonatos estrangeiros. Angola também se destaca por outras razões. Um país como um Malawi exporta 14 dos jogadores para apenas 5 países, 10 dos quais

para a África do Sul. Angola, pelo contrário, tem um padrão de exportações de capital humano muito mais globalizado. Os seus clientes são a Arábia Saudita, Egipto, Espanha, França, Inglaterra, Portugal, Roménia e Rússia. Ou seja, há países mais capazes de tirar partido da globalização do que outros. Em síntese, Angola mostra-se mais capaz do que a média em reter o seu melhor talento mas o talento que exporta vai longe e trabalha num leque muito alargado de campeonatos.

O país que mais importa o talento africano em exibição no torneio é, de longe, a França. Do total dos 344 jogadores africanos convocados para o CAN2010 cerca de 59 jogam no campeonato francês. Há aqui, certamente, o papel da história a fazer efeito. Se olharmos mais atentamente descobrimos que 24,6% dos jogadores das nove antigas colónias francesas apuradas para a Taça jogam profissionalmente em França. O mesmo não sucede com os países africanos historicamente ligados ao Reino Unido ou a Portugal. Por exemplo, tanto Moçambique como a Zâmbia exibem elevada

disseminação de jogadores pelo mundo.

Apenas uma minoria de equipas (Argélia, Egipto, Malawi, Nigéria e Tunísia) têm um treinador do seu próprio país; as outras 11 equipas recrutam-nos fora. E aqui, novamente, a pegada histórica francesa é evidente. A maior parte dos treinadores estrangeiros envolvidos no torneio (cinco) chegam, também, de França.

Quem ganhará o torneio? Talvez a Inglaterra. Os "rankings" da FIFA de Dezembro de 2009 mostravam os Camarões, a Costa do Marfim e a Nigéria como as mais bem posicionadas. Dos 69 jogadores destas equipas quase metade joga no campeonato inglês, um dos mais ricos do mundo. ●

\* Os autores ensinam e investigam economia em universidades dos Estados Unidos, Portugal e Reino Unido, respectivamente. [goal.economics@gmail.com](mailto:goal.economics@gmail.com)



Na próxima semana  
Francisco Rodrigues  
Director da Afro Sondagem

**A Nigéria, em contraste, exporta o dobro dos jogadores que Angola mas não para um maior número de campeonatos estrangeiros.**

**Angola exporta 12 dos seus Palancas Negras para 8 países diferentes. Dado o seu nível de internacionalização, Angola exibe uma participação muito diversificada no mercado global de futebol profissional.**

**O país que mais importa o talento africano em exibição no torneio é, de longe, a França. Do total dos 344 jogadores africanos convocados para o CAN2010 cerca de 59 jogam no campeonato francês**